

**José Pereira Arouca e a Igreja da Ordem Terceira de São
Francisco de Assis de Mariana: trabalho, devoção e fé.**

José Pereira Arouca and the Church of the Third Order of São
Francisco de Assis of Mariana: work, devotion and faith

Monica Lage¹

RESUMO

As associações religiosas foram importantes veículos de sociabilidade e de difusão das artes no período colonial mineiro. Foram elas que ofereceram amparo aos membros durante as dificuldades da vida e assistência na hora da morte. Foram elas também, que patrocinaram as artes ao contratar artífices para construir e ornamentar as igrejas das vilas e das cidades coloniais. Este artigo tem como objetivo contar a história da Ordem Terceira de São Francisco de Assis da cidade de Mariana e a história da construção do seu templo definitivo, pautando as alterações que foram feitas pelo construtor José Pereira Arouca em relação ao projeto original. Objetiva ainda, mostrar a relevância do José Pereira Arouca para a Ordem, pois além de construtor oficial da igreja, ele também foi um líder espiritual dentro desta associação religiosa.

Palavras-chave: Igreja, construção e arte

ABSTRACT

Religious associations were important vehicles for sociability and dissemination of the arts in the colonial period of Minas Gerais. They were the ones who offered support to members during the difficulties of life and assistance at the time of death. They were also the ones who sponsored the arts by hiring craftsmen to build and decorate churches in colonial towns and cities. This article aims to tell the story of the Third Order of Saint Francis of Assisi in the city of Mariana and the history of the construction of its definitive temple, highlighting the changes that were made by the builder José Pereira Arouca in relation to the original project. It also aims to show the relevance of José Pereira Arouca to the Order, as in addition

¹ Doutora em História/UFMG.

to being the official builder of the church, he was also a spiritual leader within this religious association.

Keywords: Church, construction and art

Este texto objetiva discorrer sobre a história da construção da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana e a de seu construtor, José Pereira Arouca. A história desse construtor português e dessa associação religiosa, formada pela elite branca portuguesa, entrecruzam-se e complementam-se, ajudando-nos a compreender a dinâmica da sociedade colonial mineira, fortemente pautada pela religiosidade. O texto, propõe-se a contribuir com o entendimento sobre as tendências arquitetônicas e artísticas em voga no final do século XVIII em Minas Gerais. Além disso, pretende ressaltar as influências estrangeiras presentes na arquitetura colonial mineira e, ainda, discorrer sobre como a cultura mineira ajustou-se a todas essas questões.

José Pereira Arouca foi um artífice português que atuou em Mariana, Minas Gerais, de 1753 a 1794. Ao longo desses 41 anos de serviços prestados a essa cidade, ele trabalhou em diversos segmentos, tendo contribuído não apenas com o desenvolvimento arquitetônico e urbanístico de Mariana, como aponta a historiografia, como também teve uma significativa participação na vida social, política e religiosa dessa cidade.

A historiografia mineira atribui a ele o título de maior arrematante de obras públicas e religiosas da Mariana setecentista. Boa parte das igrejas, dos casarões e dos sobrados que se encontram espalhados pela cidade, foram construídos por ele ou tiveram a sua participação. Mas, além da profissão de arrematante de obras, é comprovado que José Pereira Arouca também tinha conhecimento nos ofícios de pedreiro, carpinteiro, mestre de riscos, canteiro e louvado². No que tange ao seu envolvimento na vida religiosa de Mariana, asseguro que o Arouca se associou a

² Louvado era o artífice que fazia a vistoria final de uma obra, após o seu término, e que emitia um laudo técnico com suas considerações.

algumas irmandades locais e, como era devoto de São Francisco, associou-se, também, à Ordem Terceira que levava o seu nome em Mariana.

No período colonial, as associações religiosas desempenharam um papel importantíssimo na vida dos moradores das vilas e cidades, uma vez que foram importantes veículos de sociabilidade, amparo e auxílio diante das dificuldades que a vida colonial impunha à maioria da população, desempenhando, na época, um importante papel de ajuda humanitária aos mais desamparados. Ao associar-se a essas associações religiosas, José Pereira Arouca inseriu-se no cotidiano da religiosidade local e, assim, pôde prestar e receber auxílio.

Por ser devoto de São Francisco de Assis, há fortes indícios de que José Pereira Arouca tenha ajudado a fundar a Ordem Terceira desse orago em 1758, uma vez que a data de sua chegada a Mariana ocorreu em 1753. É provável que ele tenha participado das primeiras negociações com o Bispo de Mariana em favor da fundação dessa Ordem na cidade. Afinal, era costume dos portugueses, considerados de sangue puro, associarem-se a uma Ordem Terceira.

Ademais, Arouca foi o construtor oficial da igreja definitiva dos franciscanos de Mariana. A somatória desses fatores contribuiu para que ele estabelecesse um modelo de relação com a Ordem que se estendeu para além da sua relação de trabalho. Fato comprovado pelo cargo de Ministro da Ordem, ocupado por ele em 1793, sendo esse um dos postos mais elevados dentro dessa associação religiosa.

De acordo com a historiografia, até o ano 1758, os irmãos devotos de São Francisco de Assis, da cidade de Mariana, não possuíam sede própria. Por esse motivo, em dias de missas e celebrações, eles se deslocavam para Ouro Preto, onde se congregavam com os irmãos franciscanos daquela localidade. Nesse mesmo ano, Mariana recebeu a visita do comissário Frei Manoel do Livramento, figura influente que tinha ligações direta com Dom Frei Manuel da Cruz, primeiro bispo de Mariana.

Logo que os fiéis souberam dessa visita, solicitaram ao Frei Manoel do Livramento que intercedesse junto a Dom Frei Manoel da Cruz em favor de uma

licença para a construção da igreja da Ordem Terceira de São Francisco na cidade de Mariana. A investida foi bem sucedida e, no dia 21 de julho de 1758, Dom Frei Manoel da Cruz expediu-tendo sido apetição dirigida ao Bispo Diocesano com o seguinte deferimento: *Concedemos a licença pedida sem prejuízo da jurisdição ordinária e paroquial*. Mariana 21 de julho de 1758 (Rubrica de Dom Frei Manoel da Cruz, Bispo) (TRINDADE, 1943, p. 58).

De posse da licença, os franciscanos, de Mariana, deram início às primeiras reuniões da Ordem que aconteceram, na Capela de Santana, que ficava no entroncamento da antiga Rua do Piolho com a rua da Cachoeira³. As reuniões na capela de Santana aconteceram até o ano de 1762, quando, então, foi adquirido um terreno para a construção de uma igreja própria. O terreno ficava em um lugar privilegiado da cidade, bem na praça onde também seriam construídas a Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo e a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana. Nesse lote, eles construíram uma capela provisória e, no dia 03/11/1761, foi feita a transladação das imagens da Capela de Sant'Ana para essa nova capela e nela congregaram até que a igreja definitiva estivesse em condições de recebê-los.

Na época, era costume encomendar, em primeira mão, o risco ou o projeto da igreja e, de acordo com o Cônego Raimundo Trindade, a princípio, foram-lhes apresentados dois projetos: um primeiro, cujo autor nunca foi identificado e, um segundo, que havia sido projetado pelo padre doutor José Lopes Ferreira da Rocha, irmão da Ordem e promotor do bispado e, mais tarde, Vigário Geral. (TRINDADE, 1943, p. 62). Também era hábito dos colonos, convidar um especialista em construção para acompanhar a feitura do risco e, nesse caso, convidaram José Pereira dos Santos, construtor competente que havia assumido obras importantes na cidade de Mariana. Todavia, não se sabe o que se passou, mas o fato é que o

3 Sobre a Capela de Santana consultar – VASCONCELOS, Salomão de. *Mariana e seus templos*. Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner Ltda. 1938. p. 79-85.

risco final da igreja franciscana recaiu sobre o próprio José Pereira dos Santos – e os documentos confirmam que ele recebeu 32 oitavas de ouro pelo projeto.⁴

As orientações para construções públicas ou religiosas vinham de Portugal e, assim como no Reino, a feitura de uma obra artística era, primeiramente, idealizada pelo comitente⁵, (depois, era descrita, minuciosamente, em documentos: nos riscos e nas condições. Na sequência, escolhia-se o artífice responsável pela execução da obra. A escolha desse se dava, na maioria das vezes, por meio de um processo criterioso de arrematação, que dava direito a todos os interessados da cidade local e das cidades vizinhas de oferecerem seus lances. Geralmente, um edital era colocado em praça, e nele ficava especificado o nome da obra, assim como o modo, os valores e os prazos para sua execução. O artífice que oferecesse as melhores condições sairia como seu arrematante. No ano de 1762, José Pereira Arouca arrematou a construção da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana, cobrando pelo serviço 41 mil cruzados⁶, tendo ele lançado sua pedra fundamental, em 15 de agosto de 1763., cujo ritual consistia em uma cerimônia solene onde os irmãos, desde o mais importante na hierarquia da Ordem, até o mais simples membro, saíam em procissão cantando ladainhas, rezando, agradecendo e transportando a pedra até o local do seu assentamento. Somente depois disso tudo, é que se dava início à obra.

José Pereira Arouca trabalhou na construção da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana por longos 31 anos, até que o templo fosse construído entre erros e acertos, ajustes e desajustes, mesmo assim, as coisas fluíram muito bem. Entretanto, outros momentos foram marcados por desentendimentos entre o construtor e os comitentes, o que ocasionou paralisações na obra e também atrasos nas entregas.

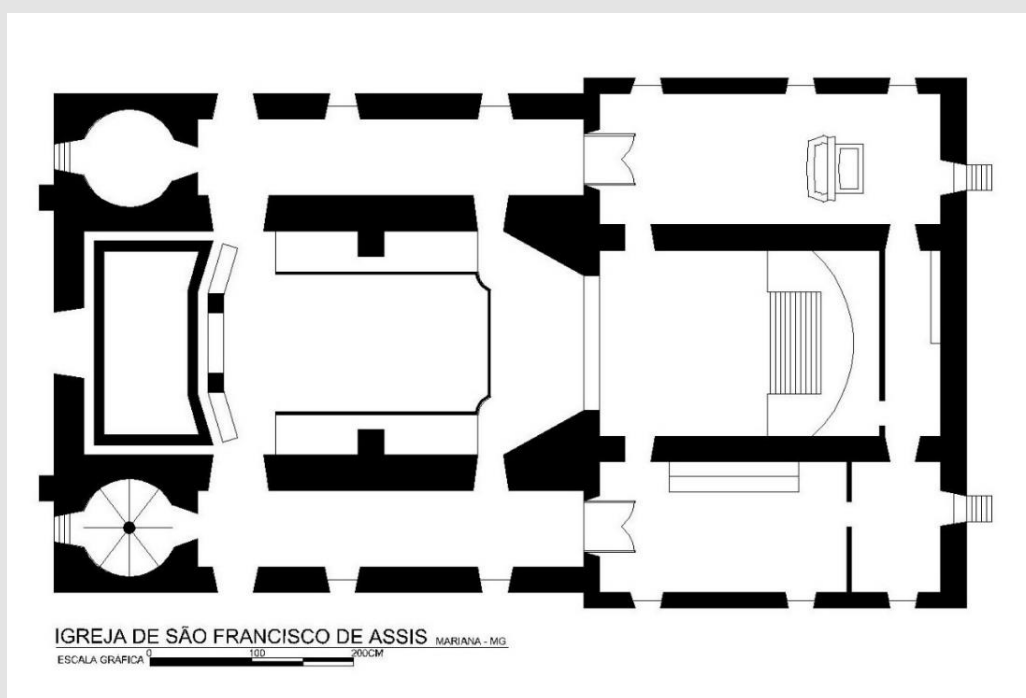
4 MARTINS, Judith. Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais. In: *Revista do IPHAN. Rio de Janeiro, n.27, t.I e II, 1974.p. 206.*

5 Encomendante da obra.

6 MARTINS, Judith. Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais. In: *Revista do IPHAN. Rio de Janeiro, n.27, t.I e II, 1974. p.63.*

O projeto de José Pereira dos Santos não se distanciou do que vinha sendo praticado na colônia. Havia orientações para que as igrejas matrizes ou igrejas maiores apresentassem, capela-mor, sacristia, consistório, noviciado e uma espaçosa nave central com altares laterais. Algumas delas ainda tinham um piso superior onde eram instalados o coro e mais corredores e o acesso a esse segundo piso ocorria, na maioria das vezes, por meio de escada.

O modelo do frontispício escolhido por José Pereira dos Santos também acompanhou a tendência da época, com fachada tripartite, portada central, encimada por duas janelas laterais, cimália, óculo, frontão quebrado e duas torres. De uma maneira geral, na colônia, esse era o modelo que se seguia para igrejas maiores, e o mestre-de risco não se distanciou dele.



Por muito, o costume foi iniciar as construções religiosas pela capela-mor, e havia intencionalidade nisso. Estando a capela-mor pronta, ela poderia servir como mais uma opção para realização de missas ou reuniões e também era a partir dela que se acrescentavam os demais cômodos da igreja, como a sacristia,

consistório e o noviciado. Na sequência, eram construídos os demais espaços: a nave, os corredores laterais e o segundo piso - quando esse fazia parte do projeto.

Na construção da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana, José Pereira Arouca obedeceu à mesma sequência. Ele começou a obra pela capela-mor e, consta nos documentos que, nessa primeira etapa da obra, ele precisou ajustar as medidas. Segundo os registros da Ordem, de acordo com o projeto do José Pereira dos Santos, a sacristia e o noviciado mostraram-se muito estreitos, por isso, foi proposto por José Pereira Arouca, que esses espaços fossem ampliados em torno de três palmos. O construtor também sugeriu que se fizessem cunhais de pedra lavrada na parte da rua e que fossem abertas duas portas⁷, uma na sacristia e outra no noviciado. Ambas dando acesso ao corpo da igreja.

Foi proposto o requerimento do mestre da obra da nova capela José Pereira Arouca a respeito de ser conveniente o acrescentamento na largura da sacristia e noviciado três palmos e fazer cunhal de pedra lavrada no canto que fica para a banda destas casas e no princípio da parte do corpo da igreja e juntamente deixar duas portas uma da parte da sacristia outra da parte do noviciado para estas casas terem comunicação com a nova igreja, o que ouvido pela mesa geral que para este efeito [...] foi dito era justo que se fizesse o referido acrescentamento assim nas paredes da sacristia e noviciado como também nas portas⁸.

A primeira etapa da construção da igreja estendeu-se por quatorze anos e, ao que tudo indica, tudo fluiu bem e de acordo com o que havia sido estabelecido entre as partes. No livro de Termos da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana, consta o registro de entrega dessa primeira etapa e o que chama atenção nesse documento é o fato de os comitentes terem dispensado a louvação/vistoria. Esse comportamento era pouco comum entre comitentes. Afinal, a louvação era a garantia que eles tinham que a obra estava segura e não representava riscos aos fiéis.

7 É importante ressaltar que uma das portas que foi aberta nessa ocasião, foi fechada quando esse espaço tornou-se a Capela do Santíssimo.

8 Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana. *Livro de Termos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis*, fl.75.

[...] E logo por todos uniformemente foi determinado que da mesma capela-mor, sacristia e casa do noviciado, pelo que toca internamente, se davam por entregues independentes de louvações que não se convinham mais que a despesa por entenderem estar tudo feito com perfeição e ainda algumas coisas com acréscimos⁹.

A louvação era a última etapa do processo de arrematação e funcionava da seguinte forma: o comitente indicava dois artífices especializados no ofício a ser louvado para participar da emissão do laudo técnico, e o arrematante indicava um terceiro nome. O laudo era, na maioria das vezes, emitido por três artífices - que eram chamados de louvados. Esses homens, tendo em mãos as condições da obra e do risco, analisavam cada detalhe da obra e observavam se tudo fora feito em conformidade com esses documentos e com os acordos que foram estabelecidos. Com base nessa análise, eles emitiam o laudo. O fato de os membros da mesa administrativa da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana terem dispensado a louvação, sinaliza que eles tinham plena confiança no trabalho de José Pereira Arouca, o que sinaliza ainda, que eles ficaram satisfeitos com tudo que havia sido feito.

⁹ *Livro de Termos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis*. Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana, fl. 92.



Imagem 1: Sacristia da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana. Foto: Monica Lage

Na segunda etapa da obra, Arouca também efetuou consideráveis alterações no projeto do José Pereira dos Santos, no qual constava que o arco do coro da igreja deveria ser de uma arcada apenas, mas Arouca entendeu que o vão proposto para sua instalação era muito amplo, e que para maior segurança dos fiéis, o melhor seria dividi-lo em três arcadas, e a proposta foi aceita pela mesa admirativa.

Foi proposto que o arco do coro por ser difícil a sua segurança em razão da muita largura da capela, se devia dividir em três o que ouvido e ponderado pelo mesmo definitório se assentou que se fizessem uniformemente os três arcos com suas colunas, tudo em pedra da passagem, metendo-se nas mesmas colunas duas pias de água benta.¹⁰

10 Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana. *Livro de Termos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis*, fl. 102, 102v.



Imagem 2 - Interior da Igreja de São Francisco de Assis de Mariana com ressaltos para o coro de três arcadas. Foto: Monica Lage

Além de realizar significativas alterações na parte interna da igreja, José Pereira Arouca fez o mesmo na parte externa e, talvez, as alterações externas tenham sido as mais importantes de todo projeto. Consta no livro de Termo da Ordem que Arouca contestou o frontispício de José Pereira dos Santos e sugeriu a mesa administrativa que fizessem um novo.

Pelo Irmão José Pereira Arouca Mestre da capela, foi proposto que a empena constante do risco com que rematou a dita obra e mais frontispício e torres tinham bastante defeitos, com os quais não se podiam agora emendar, o que sendo ouvido pelo definitório foi uniformemente aprovado que se desse nova forma ao frontispício e torres, seguindo em tudo o dito apontamento ou novo risco, que para isso se fez.¹¹

11 Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana. *Livro de Termos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis*, fl.102.



Imagem 3 - Igreja de São Francisco de Assis de Mariana/MG.
Foto: Cristiano Cassimiro

A leitura isolada desse documento não permite afirmar que o novo risco do frontispício da igreja dos franciscanos de Mariana foi projetado por José Pereira Arouca. Porém, uma vez que ele estava conduzindo a obra e que também já havia realizado outras alterações em relação ao projeto original, a hipótese mais plausível é a de que o novo frontispício fora projetado por ele. Dessa possibilidade, compartilha outra pesquisadora da história da igreja: “Um novo risco feito pelo José Pereira Arouca significaria uma mudança substancial no projeto inicial. A Ordem mostra com isso estar disposta a confiar a nova feição do frontispício inteiramente ao Arouca.” (SALVADOR, 2015, p. 47)

Se na primeira etapa da obra a relação de José Pereira Arouca com os comitentes resultou em uma boa parceria, o mesmo não aconteceu na segunda etapa. Ocorreram paralisações e atrasos na obra, e esses acontecimentos resultaram em desentendimentos entre o construtor e os comitentes, sendo que esses impasses só foram resolvidos na Justiça.

Se determinou que o Irmão Procurador Geral cuidasse logo em fazer descer os autos de Vila Rica contra o Mestre da obra José Pereira Arouca para o obrigar a continuar com a mesma [Obra] metendo oficiais a custa dele, quando não queria continuar.¹²

A documentação aponta dois momentos de conflito ao longo da segunda etapa da construção da igreja de São Francisco de Assis de Mariana. O primeiro, já citado, onde os comitentes moveram uma ação contra José Pereira Arouca, por ele ter paralisado as obras e, conseqüentemente, atrasado as entregas. E um segundo, onde o próprio construtor moveu uma ação contra dois fornecedores de pedras para a construção – tanto para a parte estrutural, quanto ornamental.

Diz José Pereira Arouca que ajustou e contratou com Manuel Ribeiro de Araújo e Miguel de Oliveira Batista a botar-lhe toda pedra necessária para a nova igreja de São Francisco ou de Nossa Senhora da Conceição. Assim cantaria como alvenaria cortando eles estas e lhes começando a botar a dita pedra no princípio de marco próximo passado, tudo na forma desta obrigação que se junta e aqui se faz alegada. E como tem passado o dito mês e os mais que se seguiram sem os supostos darem cumprimento de sua obrigação, quer o suplicante que seja citado Manuel Ribeiro de Araújo para que no prazo de seis dias de princípio a botar na obra a pedra necessária na forma de sua obrigação e na forma da mesma condição, para que o suplicante não experimente falta dela na obra, nem prejuízo algum, com pena de pagar todos os prejuízos tidos por não cumprirem a sua obrigação¹³.

É provável que esse tenha sido o motivo que levou José Pereira Arouca a paralisar as obras da igreja de São Francisco de Assis de Mariana. É provável, ainda, que o construtor estivesse envolvido em outras obras, afinal, é sabido que ele conduzia várias delas ao mesmo tempo. Entretanto, vale ressaltar que a documentação da Ordem aponta para total solução desses conflitos, afinal, nela consta que, no ano de 1793, José Pereira Arouca tornou-se Ministro da Ordem Terceira de São Francisco de Mariana, e esse posto era elevado demais para ser ocupado por um membro que tivesse pendências a serem resolvidas com a Ordem.

12 Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana. *Livro de Termos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis*, fl. 98v.

13 Processo judicial sobre a terceirização das obras de cantaria para a construção da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana. Arquivo da Casa Setecentista. Códice 175. Auto 4296. 2º Ofício.

A escolha de um irmão para ocupar o cargo de Ministro de uma Ordem Terceira, era muito criteriosa. O Ministro, na hierarquia religiosa da Ordem, estava abaixo apenas do Reverendo Padre Comissário. E os requisitos para ser Ministro eram: o eleito deveria ser branco, de sangue puro, rico, conhecido pelos demais professores, devia apresentar comportamento moral, sexual e familiar exemplar e ainda apresentar capacidade intelectual para o cargo.

As funções de um Ministro eram:

- . Realizar, por sua conta, a cerimônia do lava-pés em toda quinta maior;
- . Realizar, por sua conta, a festa do Santo Patriarca que acontecia todo dia 04 de outubro;
- . Observar a vida dos membros, corrigindo aqueles que viviam escandalosamente;
- . Visitar enfermos e usar de caridade com todos;
- . Acompanhar sepultamentos e estar sempre pronto a cuidar das missas em favor do falecido;

Sendo ele o cabeça de todo o corpo místico, todos os demais irmãos deviam-lhe obediência, respeito e reverência.

Ao ocupar o posto de Ministro da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana, ampliou-se ainda mais a importância de José Pereira Arouca para a história da Igreja. Agora, além construtor oficial do templo ele se tornou um líder espiritual para aquela comunidade religiosa. Essa foi uma significativa mudança na trajetória do Arouca dentro da Ordem.

No ano de 1794, ele concluiu e entregou a segunda e última etapa da construção da igreja. No livro de Termos da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana, consta o registro dessa entrega. A primeira transcrição desse documento foi feita, na íntegra, pelo Cônego Raimundo Trindade e foi publicada, pela primeira vez, em seu livro, *A igreja de São Francisco de Assis de Mariana*.¹⁴

14 TRINDADE, Raimundo. (Cônego). *A Igreja de São Francisco de Assis*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro (1943): p. 57-78.

A relevância desse documento não se dá apenas porque nele estão descritas todas as etapas da obra e as alterações que foram efetuadas, mas também, porque o documento faz referência aos valores que foram pagos por cada acréscimo realizado. Nele são citados os nomes dos membros que compunham a mesa administrativa da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana no ano de 1794. E são mencionados, ainda, os artífices que trabalharam na igreja executando serviços como, pintura, talha e esculturas, e reveladas as terceirizações que foram negociadas pelo mestre Arouca, momento em que se pode ver a respeito da circulação de artífices pelos canteiros de obras da igreja.

Passados oito meses da finalização da obra da igreja, José Pereira Arouca veio a falecer no dia 21 de junho de 1795.

Aos vinte e hum de junho de mil sette sentos noventa e sinco faleceu com sacramento da Penitencia, e santíssimo Viatico o Alferes José Pereira Arouca, e com seu solemne testamento; natural do termo de Villa de Arouca, Bispado de Lamego. Foi pois recomendado, e acompanhado para a Capella da Ordem Terceira do Patriarcha São Francisco desta cidade, e nella depois do officio de corpo presente e Missa, sepultado.¹⁵

Junto aos documentos de prestação de contas da testamentaria de José Pereira Arouca, que foram publicados por Ivo Porto de Menezes no ano 1978, consta uma relevante fonte que aponta que um cirurgião da colônia solicitou ao testamenteiro de Arouca (Francisco Fernandes Arouca)¹⁶, o pagamento de doze oitavas de ouro, procedentes da assistência que ele havia lhe dado durante a sua moléstia, o que demonstra que sua morte pode ter ocorrido devido a alguma enfermidade.

*Diz o Cirurgião-Mor Antônio José Vieira de Carvalho que o falecido Alferes José Pereira Arouca lhe ficou devendo 12 oitavas de ouro, procedidas de assistência que vossa mercê lhe serviu em sua moléstia e que seja servido mandar responder seu testamenteiro, que é Francisco Fernandes Arouca, e não duvidando se lhe passe mandado para ser pago.*¹⁷

15 MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. In: *Revista do IPHAN*. Rio de Janeiro, n. 27, t.I e II, 1974. p. 76.

16 Sobrinho do José Pereira Arouca.

17 MENEZES; Ivo Porto de. José Pereira Arouca. In: *Revista do Anuário do Museu da Inconfidência*, v. 1978. p. 90.

No Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, há outro documento onde estão registrados todos os gastos que Francisco Fernandes Arouca teve no dia do sepultamento do José Pereira Arouca. Essa rica fonte documental revela, em detalhes, tudo que se passou naquele dia.

Após a sua morte os irmãos da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, amortalharam seu corpo no hábito de São Francisco e prepararam o cortejo. O ato fúnebre foi acompanhado pelo reverendo Cura, pelos doze sacerdotes da Catedral, pelo Reverendo Comissário da Ordem Terceira, pelos irmãos da Arquiconfraria dos Pardos, pelas irmandades de Nossa Senhora das Mercês, do Rosário, de Santa Efigênia, de São Gonçalo, das Almas, de São Benedito e pelas irmandades do Santíssimo Sacramento e de Santana, e todos rezaram missa de corpo presente. Fizeram parte do cortejo 04 meninos do coro e tudo ocorreu de acordo e em conformidade com as últimas vontades do testador.¹⁸

Se no princípio, a relevância de José Pereira Arouca para a história da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana deu-se pelo fato de ele ter contribuído para a fundação da Ordem Terceira na cidade, e por também ter construído o templo definitivo dos franciscanos. Mais tarde, recaiu sobre ele uma outra responsabilidade, e dessa vez, não se tratava do universo físico, concreto e palpável, mas sim de fatos espirituais, do universo imaterial. Como Ministro da Ordem, coube a ele cuidar da mente e dos corpos dos fiéis, de forma que eles estivessem aptos para abrigar o Espírito Santo. Nesse papel, ele se inseriu no cotidiano dos fiéis auxiliando-os no encontro com a fé, com o sagrado e com o divino.

Por um tempo, concentrou-se na pessoa de José Pereira Arouca a responsabilidade de proporcionar a esses fiéis um templo físico, bonito, agradável, adequado e que estivesse de acordo com as tendências artísticas que circularam na cidade de Mariana no final do século XVIII. Depois, coube a ele, auxiliá-los no processo de santificação de seus corpos físicos.

18 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Documento – Testamentaria, testador Alferes José Pereira Arouca, testamenteiro – Alferes Francisco Fernandes Arouca. Pasta 763, ano 1801, Mariana.

A história da igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana encontra-se amalgamada com a história do seu construtor. A obra da igreja inicia-se quase que, concomitantemente, com a chegada de Arouca na cidade de Mariana e que se concluiu um pouco antes de sua morte.

Se a igreja é a casa de Deus, e o nosso corpo é a morada do Espírito Santo, José Pereira Arouca construiu uma casa para Deus e, na condição de Ministro da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana, ele contribuiu para a santificação dos fiéis, de forma que seus corpos estivessem melhor preparados para abrigar o Espírito Santo. Como sua última vontade, José Pereira Arouca foi enterrado na igreja que ele mesmo construiu, estando vestido com o habito de São Francisco e cercado por um número aviltado de fiéis. Assim, início e fim, vida e morte, físico e espiritual fundem-se na história da igreja e de seu construtor.

Recebido em: 15/10/23 - Aceito em: 24/01/24

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARAÚJO, Janeth Xavier. Para a decência do culto de Deus: artes e ofícios na Vila Rica setecentista. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte. 2003.

ARAÚJO, Jeaneth Xavier de. Os artífices do sagrado e a arte religiosa nas Minas setecentista. Orientadora: Adalgisa Arantes Campos. 2010. 366f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

BARBOSA, Gustavo Henrique. Associações religiosa de leigos e sociedade em Minas Colonial: os membros da Ordem terceira de São Francisco de Assis de Mariana. Dissertação (mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2010.

BAZIN, Germain. A arquitetura religiosa barroca no Brasil. Tradução de Glória Lúcia Nunes. Editora Record – Rio de Janeiro, 1956.

BOSCHI, Caio César. Os leigos e o Poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Sistema de produção da arquitetura na cidade colonial brasileira – mestres de ofício, “riscos” e traças. Anais do museu paulista: história e cultura material. Vol. 20 n° 01. São Paulo. Jan/jun. 2012.

BURY, John. Arquitetura e arte no Brasil colonial. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Nobel, 1991. Organização: Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. A vivência da morte na capitania das Minas. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. 1986.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. As Ordens terceiras de São Francisco nas Minas coloniais: Cultura artística e procissão de Cinzas. In: Estudos de História (UNESP), Franca, v.6, n. 2, p. 121-134. 1999.

COSTA, Lúcio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n° 5, 1942.

DANGELO; André Guilherme Dornelles. A cultura arquitetônica em Minas Gerais e seus antecedentes em Portugal e na Europa: arquitetos, mestres-de-obras e construtores e o transito de cultura na produção da arquitetura religiosa nas Minas Gerais setecentistas. Tese (doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, 2006.

EUGENIO, Daniele de Fatima. Arrematantes de obras públicas: oficialato mecânico na cidade de Mariana (1745-1800) Monografia em História. Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFOP, 2010.

LAGE, Mônica Maria Lopes. A circulação de riscos, condições e contratos de arrematações na Mariana setecentista (1745-1800). In: Magno Moraes Mello. (Org.). Formas Imagens Sons: O universo cultural da História da Arte. 1.ed. Belo Horizonte: Clio Gestão Cultural e Editora, 2015, v. 01, p. 297-307.

MARTINS; Judith. Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais. Revista do IPHAN. Rio de Janeiro, n. 27. t. I e II, 1947.

MENEZES, Ivo Porto de. José Pereira Arouca. In: Revista do Anuário do Museu da Inconfidência. Volume V. 1978.

MENEZES, Ivo Porto de. Os frontispícios na arquitetura religiosa em Minas Gerais. Disponível em: <http://docplayer.com.br/9144764-Os-frontispicios-na->

arquitetura-religiosa-em-minas-gerais-frontispieces-in-the-religious-architecture-of-minas-gerais.html

MIRANDA, Selma Melo. A igreja de São Francisco de Assis em Diamantina. Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta. 2009.

MOURÃO, Paulo Kruger Corrêa. As igrejas setecentistas de Minas Gerais. Editora Itatiaia Limitada. 2 ed. Belo Horizonte: Minas Gerais. 1986.

PEDROSA, Azis José de Oliveira. José Coelho de Noronha: arte e ofício nas Minas Gerais do século XVIII. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2001.

SALVADOR, Natalia Casagrande. A venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana: a construção de sua capela, os irmãos terceiros e as representações iconográficas. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2015.

TRINDADE, Raimundo. (Cônego). A igreja de São Francisco de Assis. In: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nº. 7. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. 1943.

TRINDADE, Raimundo. Instituição de igrejas no bispado de Mariana. Rio de Janeiro: MEC/SPHAN. 1945.

VASCONCELOS, Salomão de. Breviário Histórico e turístico da Cidade de Mariana, ed. Velloso & Cia, Ltda. Biblioteca Mineira de Cultura, vol. XVII. Belo Horizonte, 1947.

VASCONCELOS, Salomão de. Mariana e seus templos. Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyer Ltda. 1938.

VEIGA, Afonso Costa. José Pereira Arouca: mestre, pedreiro e carpinteiro – Mariana- Minas Gerais (séc. XVIII. 2ªed. Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda). Secção Editorial – Coleção Figuras e Factos de Arouca/copyright - Vila de Arouca, Portugal. 1999.